

UMA OBRA INEDITA

DO

CONDESTAVEL D. PEDRO DE PORTUGAL

I

INTRODUÇÃO

O manuscripto original do opusculo quatrocentista que agora sahe á luz, apos seculos de ignorada reclusão, é o unico exemplar de que temos noticia. Pertence á preciosa livraria de um dos mais distinctos bibliophilos lisbonenses, prematuramente fallecido em 1896.

Numa das salas da formosa estancia que a encerra, a inscripção *Deliciae juventutis meae* revela, com que paixão pungentemente saudosa o espirito generoso e culto de FERNANDO PALHA se lembrava, depois de colhido pela engrenagem politica, dos tempos felizes em que, *cum libello in angello*, ia arrancando a vetustos pergaminhos e papeis amarellecidos os segredos do passado, para em seguida expôr, em phrase burilada, verdades historicas apuradas com criterio lucido.

A medida do que teria sido capaz de emprehender, historiador de ampla envergadura e artista esmerado, deu-a ao tracejar a analyse psychopathica de D. Jaime de Bragança (1); ventilando a questão dos corsarios francêses, que perturbou o reinado de D. João III (2), e fazendo re-

(1) *O casamento do Infante D. Duarte com D. Isabel de Bragança*, Lisboa, 1881.

(2) *A carta de marca de João Anjo*, Lisboa, 1882

surgir em todo o seu vigor a nobre e altiva figura do Conde de Castello-Melhor (1).

Bibliophilo, no sentido verdadeiro da palavra, não procurava livros e manuscriptos para como avarento os afe-rolhar. Regozijava-se de os tornar conhecidos pelo seu proprio trabalho. E quando já desistira da esperança de os utilizar litterariamente, comprazia-se em mostrá-los a amadores que soubessem apreciar o seu justo valor.

Bastou ouvir um dia—em Maio de 1890 (2)—da admiração e do carinho que eu dedicava á gloriosa dynastia de Avis, (tomando parte activa, embora muito modesta, com subsidios historicos e litterarios, na obra-prima de Oliveira Martins, para a qual tivera a felicidade de lançar os primeiros germens, inconscientemente); bastou conhecer o meu plano de editar o que resta das obras do Regente, e do Condestavel, seu filho, para me confiar espontaneamente o seu thesouro, pondo á minha disposição, além d'isso, todos os materiaes já colhidos (3), com gentileza tal que transformou o aceitar num prazer effectivo.

Decorreu desde então quasi um decennio. Ao cabo dos primeiros dois annos a minha edição das Obras do Condestavel estava muito adiantada e annunciada no bosquejo de litteratura portugueza que faz parte do grande *Manual* de Groeber (4). A inesperada publicação, parcial, em

(1) *O Conde de Castel-Melhor no exilio*, Lisboa, 1883.

(2) A correspondencia que trocámos, as entrevistas que tivemos, e a minha visita á esplendida livraria, tudo recahe nos dias 24 a 27 de Maio.

(3) Recebí o original, emprestado; copia da *Tragedia*, acompanhada de uma photographia e chromogravura da primera pagina do codice; copia da *Satyra* e de um *Conselho do Senhor D. Pedro, filho do Infante D. Pedro, a El Rey D. Afonso V.* Não aceitei o precioso trabalho de Balaguer y Merino que já possuía.

(4) Gustav Gröber, *Grundriss der Romanischen Philologie* (II, Band., 2 Abteilung, p. 129-381): *Geschichte der portugiesischen Litteratur von Carolina Michaëlis de Vasconcellos und Theophilo Braga*.—São dedicadas ao Condestavel as p. 259-264 (§ 102).—Veja-se p. 264, nota 2, e ainda 135, 232, 247 e 249.

Hespanha, de um dos tres poemas do Condestavel (1) tornou-a todavia inoportuna. Posteriormente, o desejo do amavel bibliophilo lisbonense, publicamente enunciado, postergou ainda a realização do projecto.

Um estudo pormenorizado sobre as duas obras mais antigas do principe portuguez—a *Satyra* e as *Coplas do Menosprezo do Mundo*—ultimamente sahido das mãos do sabio catedratico a quem amigos e discipulos consagram este volume (2), determinou-me a apresentar-lhe, em edição provisoria, a parte inedita, por elle mencionada com certa curiosidade, feliz de têr ensejo para mais uma vez lavrar em publico o protesto da minha saudosa gratidão pela rara liberalidade de Fernando Palha.

II

DESCRIPÇÃO DO CODICE (3)

O manuscripto mede 220 × 114^{cm}. Tem 80 folhas de pergaminho muito fino e muito branco, coordenadas em 8 cadernos. No fim de cada um lê-se *a deixa* para o caderno seguinte. Na margem inferior subsistem restos dos antigos signaes de registo. Como de costume, a marca compõe-se de letras (*a* até *h*), acompanhadas de algarismos, ora romanos, ora arabes (1 a 5) (4). Cada uma das paginas conta 17 linhas, preenchidas completamente só quando apre-

(1) *Bibliófilos Españoles*, vol. xxxix, Opúsculos literarios de los siglos xiv á xvi.—É a *Satira de felice e infelice vida* que o Senhor D. Antonio Paz y Melia publicou ahí.

(2) *Antologia de Poetas Líricos Castellanos*, tomo VII, p. cx-cxxxii.

(3) No Catalogo da Livraria de Fernando Palha, a *Tragedia* vem descripta sob. o n.º 784.

(4) No Caderno I só encontro *a iiij*, no IV.º falta *d2* e *d3*.

sentam prosas; e neste caso com 30 caracteres, termo medio. Offerecendo poesias em metro de arte maior, encerram em geral uma unica estrophe, de 8 ou 9 versos. Algumas paginas ha que contém duas coplas, em versos de redondilha, de 8 a 12 linhas (1).

A letra gothica é nitida. As iniciaes das estrophes e os principios dos capitulos são de côr, alternando ouro com azul. A primeira pagina é illuminada. Tem uma larga cercadura a côres, realçadas com toques de ouro, composta de flores, fructos, aves e ramagens, nas quaes alguns macacos, ou melhor, os legendarios homens dos bosques, se entregam a exercicios gymnasticos. Ao fundo da pagina, trajando as vestes e cingindo a corôa de uma rainha do sec. xv, mas com grandes azas descahidas que indicam o seu poderio sobrehumano, vê-se uma figura feminil, de olhos vendados, sentada numa ampla mas singela cadeira de espaldar. Nas mãos segura um escudo, com as armas de Portugal sobre a cruz de Avis e o banco de pinchar dos Infantes. Os pés descansam sobre a *volante e tenebrosa* roda symbolica, em cujo aro apparecem inscriptas duas vezes as palavras: *Paine pour ioie*.

No meio da cercadura, começando com letra illuminada, lê-se: *Prologo al muy jnelito y muy honesto y loable varon Jayme Cardenal de sant estacio fecho por el su mayor hermano. Era millesima quadragesima nona*. Segue immediatamente com maiuscula, tambem illuminada, a carta-dedicatoria que occupa tres folhas e meia. O verso da 4.^a está em branco. Na 5.^a principia a obra, continuando sem interrupção até rematar na 80.^a, com o seguinte colophon: *Loado Dios fenescce bienaventuradamente la tragedia de la insigne reyna doña Isabel*, ministrando o titulo que falta no frontispicio. A penultima finda com a formula *ante la muerte*.

Ha folhas de guarda duplices, de papel, no principio e no fim. No verso da primeira um dos ultimos possuidores

(1) Cf. f. 44-48 e 67-69.

do codice inscreveu o seu nome, em caracteres modernos [*Saraiva*].

A encadernação, evidentemente antiga, é de bezerro liso acastanhado, sem fechos. O córte é vermelho. Na lombada distinguem-se tres travessões. Entre o 2.^o e o 3.^o puseram o distico em tres linhas: DIAL. | A. D. | JAIM. | O artista incumbido d'este trabalho, creio que no sec. xvi, cerceou o pergaminho mais do que fôra para desejar. Do registo do 1.^o caderno deixou subsistir apenas um tenue vestigio na 4.^a folha (*a iiij*), e na margem inferior da primeira, restos de um nome. Provavelmente o de um dos primitivos possuidores. Eu distingo *Math.... lacerda*.

Contra a pasta da frente está collado interiormente um *Ex-Libris*, de Fernando Palha. Quando tive o gosto de o examinar, ainda faltava a indicação da *Est.* e do *N.^o*

O *scriptor* empregou as abreviaturas ordinarias. Frequentes vezes emendou erros commettidos, riscando o superfluo, e acrescentando á margem palavras omissas. Ainda assim deixou subsistir dois, de alguma gravidade: Saltou na indicação da era por cima dos *decennios*, não sem signalizar o lapso por meio de um colchete. E encabeçou a *oitava* e ultima prosa com a epigraphe: *Prosa Novena*.

Um ledôr guarneceu algumas letras de arabescos e acrescentou algumas rubricas ás poesias, imitando a letra gothica (1). Ignoro se o fez arbitrariamente, ou porque collacionasse o nosso exemplar com outro mais completo, quer fosse o original, quer um traslado. Inclino, porém, para a primeira hypothese. Seria tambem um dos possuidores? Alguem poderia imaginar ter ahi autographos do Condestavel. Em dois sitios um ocioso, semi-analphabeto, se atreveu a fazer exercicios de cursivo.

A orthographia, cheia de desigualdades e contradicções, não brilha pela parcimonia systematica que caracteriza o

(1) São as que vão entre parênteses a f. 17, 17 v., 18 v., 20, 20 v. e 68 v.

Cancioneiro da Ajuda. Ostenta, muito pelo contrario, o estylo *flammejante* dos fins do sec. xv. A letra *x* em lugar de *s*, deante de consoantes, é uma das suas peculiaridades; além d'isso, a usual confusão entre *s*, *ç* e *z*.

III

HISTORIA DO CODICE

As vicissitudes pelas quaes o codice passou de 1459 até principios d'este seculo, são totalmente ignotas. Apenas ha margem para conjecturas. Podemos suppôr que o elegante in-4.º, originariamente propriedade de um dos varões da estirpe de Avis, correu nos primeiros tempos de mão em mão (duas ou tres das quaes deixaram a sua marca no codice, conforme já mostrei) e que posteriormente se conservou bem escondido, em severa reclusão, graças á qual chegou até nós quasi intacto, na sua pristina belleza.

Fernando Palha jactava-se, cheio de intima alegria, não só de possuir um exemplar *unico*, mas até o mesmo que fôra de mão e uso do desgraçado filho do vencido de Alfaroqueira, circumstancia que communicava, aos olhos d'elle e de todo o amator, requintes de poesia suggestivante ao rarissimo volume.

Não contesto que a ideia possa ser veridica. Ha factos que fallam a seu favor. Mas tambem surgem considerações que lhe são adversas.

E' sabido que o principe portuguez, que se apellidou durante tres annos incompletos *Rei d'Aragão, de Sicilia, de Valença, das Maiorcas, de Sardenha e de Corsega e Conde de Barcelona*, resguardava, em arca e caixas do paço episcopal onde residiu na capital da Catalunha, desde 31 de Janeiro de 1464 a 29 de Junho de 1466, além de uma im-

portante collecção de moedas e medalhas, 97 codices que constituam a sua bibliotheca. Entre elles havia um exemplar da *Tragedia*, se as apparencias não enganam. Isso consta do inventario (1), começado dias depois de o vencido em Granollers ter succumbido á doença que o prostrava, minado por desgostos e victima do seu amor pela patria adoptiva. Nesse interessante documento (2), o volume que Fernando Palha pretendia identificar com o seu, leva o numero de ordem n.º 60, e vem descripto do seguinte modo:

Item, altre libre petit, scrit en pergamins, en vulgar castellá, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremtades, sens gaffets. E comença: PROLOGO AL MUY INCLITO, etc. E feneix en la penultima carta á los morta.

Como se vê, os dizeres do amanuense são pouco explicitos e pouco exactos. Não copia a epigraphe inicial por completo, nem falla do colophon final que encerra o titulo. *A los morta por ante la muerta* (a f. 79 v. do MS.) (3) deve ser um dos numerosos erros e descuidos que se notam no Catalogo. Em todo o caso não ha motivos para duvidar que a descripção se refere a um exemplar da *Tragedia*, o qual levava no principio a carta-dedicatoria a D. Jaime, tal qual o codice que hoje se publica (4).

(1) Levou duas semanas: 30 de Junho até 12 de Julho.

(2) Publicado *integralmente* por Balaguer y Merino, no precioso opusculo *D. Pedro el Condestable de Portugal*, Gerona, 1881.

(3) Naquelle valiosissimo documento, assentaram por via de regra a palavra final da penultima folha; só raras vezes a rubrica ou o trecho final.

(4) Parece que na posse do Condestavel se achava, além da *Tragedia*, ainda outra das suas obras, faltando a terceira. O infolio pequeno n.º 82, *en vulgar castellá e glosat*, luxuosamente encadernado com as armas de Portugal, Aragão, Urgel e Inglaterra, e guardado num estojo especial, apresentando na capa em letras de ouro o titulo *Satyra de contento del mundo*, podia ser tanto a *Satyra de felice e infelice vida* como as coplas geralmente chamadas *Do menosprezo do mundo*, a não ser que o mesmo volume abrangesse, como penso, ambas as composições: a *Satyra* e *De*

Pena é sómente que a phrase relativa á encadernação não condiga em absoluto com a realidade. Vermelha e lavrada em Barcelona, vi-a em Portugal acastanhada e lisa. Ainda assim, talvez a capa primitiva fosse substituida mais tarde por outra. O cerceado do pergaminho na margem do fundo, a que me referi no capitulo anterior, e a inscripção do nome *Math..... lacerda* na primeira lauda, em letra que não é coeva do Condestavel, podia ser invocada em apoio d'essa explicação.

Mas quem nos diz que o exemplar privativo do auctor era o unico que elle mandára copiar dos seus borrões?

Deixo de lado a questão, se qualquer treslado seria enviado a Castela, para o paço de D. Joanna de Portugal e Henrique IV, em cuja primeira campanha andaluza o Condestavel por ventura tomou parte? (1). E tambem se, depois do seu passamento, na liquidação da herança, pias mãos, ou mãos interessadas, teriam mandado tirar outras reproducções, mais ou menos luxuosas? (2). Mas na existencia de duas copias calligraphicas não ponho duvida: uma destinada a entrar em Florença, Perugia ou Roma no gabinete de estudo do seu gentilissimo irmão, o Cardeal D. Jaime, ao qual se dirige no Proemio (3), a outra para a famigerada livraria do seu rei e senhor natural D. Affon-

contento del mundo. E talvez ainda outros tratados, porque nem na *Satyra* nem nas *Coplas* encontro a formula *de la lus con el*, ou outra parecida, com a qual remata a penultima folha.—Balaguer, que não conhecia a *Satyra* pensou nas *Coplas* (p. 32, nota 1.^a)

(1) A expedição á Veiga de Granada recahe na primavera de 1455. Houve outras nos dois annos immediatos. O Marquês de Santillana, Mentor litterario do Condestavel, fallecera em 1458: aliás seria justo pensar que elle tambem teria recebido um tributo de gratidão.

(2) O unico manuscrito da *Satyra*, até hoje conhecido, foi escripto em Barcelona, anno de 1468, por mão do livreiro Christovam Bosch, dois annos depois do fallecimento do Rei Intruso.

(3) O joven Cardeal possuia *assaç copia de livros*, no dizer do seu primeiro biographo, o Italiano Vespasiano da Bisticci.

so V. Se, durante o seu longo desterro, tinha mandado d'além fronteiras, perto de 1449, a *Satyra* (as suas primicias litterarias) á Rainha D. Isabel, e as *Coplas* (a segunda e importante tentativa), ao proprio D. Affonso, seu perseguidor, o repatriado não podia esquivar-se ao grato dever de lhe apresentar o ultimo e melhor fructo dos seus estudos, ideado e começado ainda no exilio, segundo penso, mas concluido em terra lusitana, e consagrado de mais a mais a enaltecer a memoria de sua irman, a estreme-cida esposa do monarca.

Querer decidir qual d'entre estes tres suppostos exemplares é o que hoje existe em Portugal, seria ridicula pretensão. *Habent sua fata libelli*. O do Condestavel foi talvez vendido em Barcelona. No seu explicito testamento, bello saldo de amor e consciencia, encarregou expressamente os executores das suas ultimas vontades de venderem quanto fosse preciso das suas joias, obras de ourivesaria, moedas, livros, pannos de ras e mais preciosidades, em pró dos crédores (1). Quanto ao volume destinado ao Cardeal D. Jaime, não ha certeza que fosse positivamente remittido á Italia. A morte, ceifando na primavera do proprio anno de 1459 (2) mais esse ramo da arvore de Avis, bem pode ter posto embargos á execução do plano. O exemplar del Rei de Portugal teria mais probabilidades de ser identico ao que subsiste no pais, se não fosse o defeito na indicação da era, que não podia ser limpamente corregido pelo calligrapho, por causa da escriptura cerrada da primeira pagina (3). Restos da bibliotheca regia, ins-

(1) Balaguer p. 51 (§ 36 do Testamento).

(2) A data indicada nas melhores fontes é 15 de Abril. Na *Hist. Gen. da Casa Real* vejo 15 de Agosto. Sobre a inscripção tumular em S. Miniato de Monte Oliveto, a par de Florença, onde jaz o destinatario da *Tragedia*, veja-se p. 668.

(3) Cf. *Grundriss*, p. 264. Em 1892 eu julgava que a *Tragedia*, já prompta antes da revocação do desterro, e submettida ao soberano, actuara profundamente sobre o seu coração, fazendo afinal pender a balança da justiça para o lado da clemencia. E pare-

tituida no paço por D. Affonso V, conservavam-se allí durante o reinado de D. João III. E estes restos, de que sei, são exactamente documentos da actividade litteraria da familia reinante: um *Vegecio*, em *linguagem*, e um *De Officio* de Cicero, tambem em romance, ambos traduzidos pelo Infante D. Pedro (1). Imagino mesmo que o chronista de Affonso V conheceu e aproveitou a obra do Condestavel. Confirma-se a característica do Regente (2), esboçada por Ruy de Pina, com a do nosso texto (f. 9-12). Ha ahi phrases e particularidades que parecem tiradas da *Tragedia* (3). E ainda possuo outra prova da existencia do códice na côrte: uma copia quinheñtista, conservada na Bibliotheca Real da Ajuda, e que descubri em 1890.

Mas seja como fôr: o bello exemplar gothico de Fernando Palha, com o seu introito illuminado, escripto, ou não, no proprio anno da redacção da carta—quer seja o que em 1466 se achava em Barcelona, quer outro enviado a D. Jaime, ou o del Rei de Portugal—foi muito provavelmente manuseado pelo seu preclaro auctor, antes da offerta a algum representante da casa de Avis.

De 1600 até ao 1.º quartel d'este seculo não encontro

cia-me tambem que um exemplar defeituoso não era digno de figurar na biblioteca d'um rei. O erro que se nota no exemplar de Fernando Palha pode, de resto, sugerir conjecturas diversas: que o Condestavel guardaria para seu uso pessoal exactamente esse formoso códice; ou que o daria de presente a um dos seus familiares e parentes, como D. Denis, D. Fernando e D. Pedro de Portugal, ou a um servidor antigo, como Diogo de Azambuja, mandando tirar outros treslados mais apurados, tanto para si como para os personagens de alta jerarquia que desejava contemplar.

(1) O transmissor da noticia é João de Barros que teve occasião de investigar a Bibliotheca Real, quando, sobre as arcas da guardaroupa de D. João III, ia escrevendo o seu *Clarimundo*. V. *Panegyrico da Infanta D. Maria*, § 38.

(2) Chron. Affons., c. 125.

(3) Pina diz p. ex: «teve para todas as cousas horas certas e limitadas que nunca traspassou.» E no nosso texto lê-se: «que la su vida con relox por ciertas horas a unas e a otras cosas depuñtadas reglava.»

vestigio do códice. Apenas sei que fazia parte da bibliotheca de D. Fernando de Lima quando, por duas vezes, pouco antes e pouco depois de 1818, dois eruditos investigadores, um nacional e outro estrangeiro, tiveram azo de o examinar detidamente e de formularem, em trabalhos litterarios de que logo direi duas palavras, o seu juizo a respeito do Condestavel e da sua *Tragedia*. Apos dois ou tres decennios esta achava-se entre os livros de *Saraiua de Carvalho*, passando em seguida como legado a *Mariano de Carvalho*. Este ligava pouca importancia ao «velho alfarrabio,» que offertou a um seu amigo, apaixonado bibliophilo, mas homem de bem que não aceitou a dadiva.

O modo como Fernando Palha conquistou o pergaminho—creio que em 1883 ou pouco antes—em troca de 300 milreis, já foi descripto com *verve* humoristica por elle mesmo (1), quando em dias de crise e desconsolo resolvera desprender-se das suas opulentas collecções, chegando a mandar imprimir com este objetivo, um catalogo da sua livraria (2), o qual, sem felizmente ter servido para o fim indicado, fica sendo um primoroso monumento e um subsidio de alto valor para os hispanizantes.

IV

DUAS PALAVRAS

ACERCA D'ESTA EDIÇÃO

Enthusiasmado com o achado da *Tragedia*, Fernando Palha começára a estudar o homem, com tenção de publicar o manuscrito e o mais que d'elle encontrasse, tudo

(1) No *Jornal Correio da Noite*. N.ºs de 3 de Maio e 2, 3, 8 e ainda 9 de Julho de 1895. Seguiu-se um post-scriptum de um anonymo *Velho*, no dia 10 do mesmo mês e anno.

(2) *Catalogue de la bibliothéque de M. Fernando Palha*: Lisbonne, imprimerie Libanio da Silva, 1896; 4 vol. in 4.º

precedido por um estudo historico e critico. Quando a politica veio roubá-lo ao amor dos antepassados «para o entregar ao odio dos contemporaneos,» segundo dizia, já tinha tirado *manu propria* copia esmerada, com todo o rigor philologico, affastando-se do original unicamente em resolver as abreviaturas e regular a punctuação (1).

Pela minha parte, cotejei essa copia com o original, estudando com cuidado peculiar as pouquissimas palavras que lia de maneira diversa, e que por tanto podiam suscitar duvidas e controversias (2), satisfeita quando vi applaudidas todas as minhas leituras e interpretações pelo meu amavel amphitryão. Foi essa mesma copia que serviu agora na typographia. As modernizações a que procedi, consistem exclusivamente na introdução de alguns *pontos de exclamação*, e de longe em longe *ponto e virgula*, onde me pareceu de vantagem para a comprehensão do texto. Com fim igual emprego inicial maiuscula nos nomes proprios.

Penso que mal restarão ahí escuridões para quem não fôr inteiramente hospede na linguagem alatinada dos prosadores e poetas quatrocentistas, conhecendo as obras de Juan de Mena, do Marques de Santillana, Gomes Manrique, Lucena e Juan Rodrigues del Padron, ou se houver occupado com as outras composições do Condestavel.

Ja fallei da copia que encontrei na Bibliotheca da Ajuda, ainda antes de conhecer o original (3). E' prova de que foi

(1) No original empregou-se um unico signal de punctuação, substituido por F. Palha por ponto final, sempre que seguia maiuscula, por virgula no caso contrario, e por um ponto de interrogação, onde o sentido o exigia.

(2) Mencionarei dois exemplos. A f. 23 substitui *désea* por *dexa* e a f. 21 v. onde li: *En esto estando..... ahe-vos do vino*. Este archaico *ahe* por *eis* é pouco conhecido.

(3) Está num volume com uma tradução manuelina de Pomponio Mela: *Lla geografia j cosmografia de pomponio mela cosmografo, pasada de latin en romance por maestre Joan Faras bachiller e artes e em medeçina fisico j sororgiano del muy alto Rey de Purtugall Don Manuell*.—Julgo-a inedita.

realmente tresladado sobre o nosso codice, o erro na data, que repete; assim como outros lapsos diversos (1). O anonymo Português ao qual a devemos, trabalhou cuidadosamente. Mas pouco practico no seu officio, ou pelo menos fraco conhecedor do castelhano, crivou o texto de lusismos, escrevendo constantemente *mim* por *mi*, *assim* por *así*, *divida* por *debdá*, *linhage* por *linaje*, *vezinho* por *vecino*, *levar* por *llevar*, *prazer*, *octavo*, *seitimo*, etc. As numerosas variantes que resultaram d'este proceder, são meras deturpações lingüísticas e orthographicas, ou em outros casos, erros de leitura que não merecem ser registados (2). Ainda assim obtive una copia diplomatica, tirada a meu pedido por um diligente empregado d'aquelle estabelecimento, ao qual os lettrados portugêses devem valiosos serviços.

Os lusismos do proprio Condestavel, ou do seu escrevente, são pouco numerosos (3). Durante o settennio do seu exilio tivera ocio sufficiente para aprofundar os seus conhecimentos da lingua castelhana.

V

OPINIÕES ENUNCIADAS

A RESPEITO DA «TRAGEDIA»

Nos artigos de Fernando Palha sobre a *Tragedia* affirmase que *nunca ninguem dera noticia da sua existencia*. Só accrescentando: *em impressos portugêses é que a asseveração sahe veridica*.

(1) O segundo engano: *Prosa Novena* por *Oitava* não foi repetido.

(2) A f. 14 v. na *Prosa segunda* encontro *rodante* por *volante*; a f. 38 v. *marinos* por *maritimos*.

(3) A f. 67 temos p. ex. a rima *muerte conorte* e *conorte, forte, morte, sorte*, no *Metro 4.º Tiniebras* (f. 77 v.) é castelhano archaico.

Já alludi a dois sabios que se occuparam d'ella com justos louvores. Ambos desconheciam a *Satyra*, cuja existencia foi revelada muito mais tarde por Amador de los Rios. E ambos attribuiam as *Coplas do Menosprezo do Mundo* ao Regente, illudidos pela inexactidão de Garcia de Resende como todos nós, até que D. José Maria Octavio de Toledo as restituiu ao seu verdadeiro auctor (1). E' o primeiro o erudito e fertil Antonio Ribeiro dos Santos, fallecido em 1818 como Bibliothecario-mór da livraria de Lisboa, auctor de uma importante memoria *Das origens e progressos da poesia portugêsa*, que ficou inedita (2). Pouquissimos curiosos a leram por tanto. No capitulo IV: *Da poesia portugêsa no sec. xv*, trata primeiro do Infante como supposto auctor das *Coplas* e, num paragrapho digressivo, da *Tragedia* do Condestavel, dando amostras dos versos. Trânscrevo-o no fim d'este capitulo, sem acentuar os varios erros que contém, porque o leitor d'este ensaio os corrigirá facilmente.

Pouco depois um Allemão intelligente e consciencioso, dos poucos que investigaram as origens da lyrica portuguesa, e que deu ainda a conhecer lá fóra amostras da poesia popular d'esta nação, Christian Friedrich Bellermann, aproveitou, durante a sua estada em Lisboa (1818-1825), os manuscriptos de Ribeiro dos Santos, recorrendo em seguida directamente ao original (3). Não traduziu nem transcreveu trecho algum, certamente por não querer engastar textos castelhanos num escripto dedicado á litteratura portugêsa. Em compensação, dá alguns leves traços biographicos do auctor, e uma curta mas bem feita analyse da *Tragedia*, caracterizando o assumpto, o andamento e o valor philosophico dos conceitos do Condestavel.

(1) *Rev. Occidental*, 1.º anno (1875), tomo II, p. 295.

(2) *Bibl. Nac. de Lisboa*, vol. XIX, das *Obras manuscriptas* de Ribeiro dos Santos.

(3) *Die alten Liederbücher der Portugiesen*, Berlin, 1840, p. 29-31, e nota 28 a p. 50.

Para os peninsulares as paginas de Bellermann ficaram lettra morta—facto que o illustre historiador da lyrica castelhana não censura, mas simula cortêsmente estranhar—(1). Poderiam tê-las conhecido, pelo menos, por allusões de A. Morel-Fatio, que as citou ao dar conta (em 1882) do solido e interessante trabalho historico de Balaguer y Merino (2).

Th. Braga teve apenas vaga noticia do achado de uma obra inedita do Condestavel, ao redigir em 1885 o seu *Curso de Litteratura Portugêsa* (3).

No *Manual da Philologia romanica* condensei em duas paginas o meu saber a respeito das suas obras castelhanas e portugêsas, incluindo a *Tragedia* (4). E tendo de fallar do Catalogo de Garcia Peres nos *Annaes Criticos* (5) tornei a demonstrar um ponto que já ficara bem frisado no estudo anterior, á saber: que o filho do vencido de Alfarrobeira foi o primeiro Portugêz bilingüe que se serviu do castelhana em trabalhos litterarios, quando foragido residia em Castela, *mas costreñido de la necesidad que de la voluntad*.

Segue o que diz Ribeiro dos Santos:

«Com a honradissima memoria do Infante D. Pedro deve unirse a de seu Filho D. Pedro, IV.º Condestavel de Portugal, Mestre da Ordem de Avis, «a mais formosa e bem proporcionada creatura que então se sabia no mundo,» que foi depois chamado pelos catalães, e proclamado Conde de Barcelona, e Rey de Aragão em 1462 (*sic*). Tratou grandes tratos e amizades com pessoas de alta jerarquia e de bom saber, sendo hum delles o famoso Dom Iñigo Lopes de Mendoça, primeiro Marquez de Santillana, e Conde del Real de Mazanares, tão luzido nas Bellas Letras como na fidalguia. A este poeta pedio elle com

(1) *Antologia*, VII, p. cxix.

(2) *Romania*, XI, 153.

(3) P. 132, nota 2.

(4) Cf., p. 638, n. 4.

(5) *Kritischer Jahresbericht über die Fortschritte der Romanischen Philologie*, 1890, Bd. I., p. 587-588.

grandes mostras o Cancioneiro de suas trovas, que lho enviou com huma Carta muito erudita (1) com o que mostrou a muita affeição, que tinha aos estudos poeticos, e não só folgava com a leitura de boas trovas mas compoz elle algumas de primor para aquelles tempos (2).

Existe hum formozo codigo MS. de seus versos e prozas, nesta Corte, que vimos e cotejamos, que, posto que seja em Castelhana e não pertença propriamente á lingua e poesia portugueza, com tudo por ser de Portuguez, e se conhecer por elle o genio e gosto do Poeta e ainda por digressão da materia pode ter aqui lugar. He escrito em pergaminho claro com m^{to}. aceio, e em caracter gothico ou meio gothico mui limpo e regular, e occupa 80 folhas.

Tem frequentes abbreviaturas, travações e ligados de letras, que são algumas vezes defficeis de ler. Usa só de pontos; o caracter parece ser do mesmo seculo XV (3).

O Prologo na 1.^a folha tem em roda pelas quatro margens uma cercadura de floreios entrechassados, e de figuras de aves e animaes, e entre ellas em baixo a da fortuna vendada, e sobre uma roda com letra pelas extremas, que não entendo; e do meio do eixo da roda para cima armas Reaes. A cercadura he illuminada de encarnado, azul e verde, e com alguns pequenos dourados: as iniciaes do titulo do Prologo, e as do mesmo Prologo são tambem floreadas e illuminadas da mesma sorte, mas com mais dourado; as de cada prosa e verso tambem o são ou mais ou menos.

Consta esta obra de prosa e verso, e tem por assumpto principal o lamento das desventuras de D. Pedro, e as esperanças e consolações que elle tinha em Deos.

He escrita como já dissemos, em castelhana, dialecto

(1) Vem no principio do 1.^o tomo da *Collecção dos Poetas Castelhanos*, de Sanches, p. XLVIII; parece que foi escrita entre os annos de 1455 e 1458, em que morreu Santillana. Começa: *En estes dias passados Alvar Gonzales de Alcantara, familiar e servidor de la casa del Señor Infante D. Pedro, muy inclito Duque de Coimbra vuestro Padre, de parte vuestra, Señor, me rogó que los decires e Canciones mias a la vuestra magnificencia.*

(2) A estas poesias parece alludia o Marquez nestas palavras de sua carta: *De lo qual me facen cierto asi vuestras demandas, como algunas gentiles cosas de tales q yo he visto compuestas de la vuestra prudencia.*

(3) Existe na Livraria do Ill.^{mo} D. Fernando de Lima.

então muito uzado entre os nossos pela grande cultura, que já tinha; no que seguio o exemplo de seu pai, que muito poetisou naquella lingua.

Esta obra he dirigida a seu irmão Dom Jemes, ou Jaime, Cardeal em Roma do Titulo de Santo Eustathio (1); e porque este foi creado Cardeal em 20 de Fevereiro de 1453 e falleceu em 20 de Agosto de 1459, pode assentar-se que esta obra fora concluida entre os ditos annos de 1453 e 1459 (2).

Damos aqui algumas amostras desta obra *posto que não escrita em Portuguez*, por que se faça conceito de suas poesias, e se orne com ellas a nossa Historia.»

(1) D. Jayme tinha ficado prezion eiro na batalha de Alfarrobeira, em que seu pai acabara seus dias na desgraça; foi posto depois em liberdade, mas receando experimentar alguma afronta ou injustiça passou logo para Flandres, e viveo alguns annos em casa de sua tia a Senhora Infanta D. Izabel, Duqueza Soberana daquelles Estados: foi nomeado por seu tio o Duque de Borgonha Bispo de Arraz, em 21 de Março de 1459 (*sic*), teve tambem a Abbadia de Dunas da Ordem de Cister; foi depois Arcebispo de Lisboa, de que teve sómente a administração por Bulla de Nicolao V passada em 30 de Abril do mesmo anno, por não ter mais que 20 annos de idade (conservava-se no Cartorio do Senado de Lisboa). Passou a Roma aonde Calixto III lhe conferio em Commenda o Bispado de Paphos na Ilha de Chipre em 21 de Março de 1453; e em a sua 1.^a criação de 20 de Fevereiro de 1456 o creou Cardeal Diacono do Titulo de Santo Eustathio.

(2) Sendo o Cardeal D. Jayme destinado por Pio II seu legado a Latere para o Imperador de Alemanha Frederico II, cazado com a Imperatriz a Senhora D. Leonor sua prima com-irmã, adoeceo em Florença, e querendo antes acabar mais cedo os seus dias, do que manchar a pureza virginal de seu corpo, que só lhe davão por remedio da sua saude, se finou ali aos 20 de Agosto de 1459 de idade de 25 annos, 11 mezes e 10 dias.

Se as Poesias deste Cancioneiro fossem presentes ao erudito Dom Thomaz Antonio Sanches, Bibliotecario de Sua Mag.^{de} Catholica, não censuraria no tom. I da sua *Collecção de Poesias Castelhanas* a M. Sarmiento por dizer que o Marquez de Santillana houvera ao Condestavel por excellente poeta, por quanto deste Cancioneiro se ve bem que o foi, e que as palavras do Marquez para elle não erão puramente cortezãs mas verdadeiras e proprias de seu real merecimento.»